

como caem os tiranos e como sobrevivem as nações

marcel dirsus

Tradução de Carlos Pereira Martins

Para a Anneliese

ÍNDICE

Introdução: A Pistola Dourada • 11

A Passadeira Rolante do Ditador • 27

 O Inimigo Interno • 48

 Enfraquecer os Combatentes • 71

 Rebeldes, Armas e Dinheiro • 96

 Inimigos, Externos e Internos • 116

 Se Disparares, Perdes • 135

 Sem Mais Opções • 157

Tem Cuidado com o que Desejas • 177

 Como Derrubar um Tirano • 198

Agradecimentos • 223

Notas • 225

INTRODUÇÃO

A Pistola Dourada

Não nego que sou um solitário. Profundamente solitário. Um rei, quando não tem de prestar contas a ninguém pelo que diz e faz, fica inevitavelmente muito só.¹

Mohamed Reza Pahlavi, ex-xá do Irão

Os tiranos mais poderosos do mundo estão condenados a viver no medo. Eles podem fazer os seus inimigos desaparecer com um estalar de dedos. Eles, as suas famílias e os seus acólitos podem controlar países inteiros a partir do luxo do seu palácio, mas também têm de passar todos os momentos do dia atormentados pelo medo de perder tudo. Não importa o quão poderosos eles se tornem, não podem ordenar ou pagar para que esse medo desapareça. Se esses tiranos derem um só passo em falso, eles cairão. E quando os tiranos caem, frequentemente acabam no exílio, numa cela de prisão, ou debaixo da terra.

Num frio dia de inverno de finais de 2007, as Guardas Amazónicas, de patrulha com a sua camuflagem verde, deram sinal para avançar. Instantes depois, o coronel Muammar Kadhafi surgiu do Hôtel de Marigny, no centro de Paris. Depois de descer os degraus, caminhou por um tapete vermelho, estendido sobre a erva imaculada. No final do tapete estava uma tenda gigantesca. O Hôtel de Marigny, o edifício usado pelo governo francês para acomodar os convidados de Estado, estava habituado a atender aos caprichos de governantes poderosos, mas nunca havia sido montada uma tenda beduína no jardim para que o ditador de visita pudesse receber os seus convidados na «tradição do deserto».²

No interior, a tenda encontrava-se adornada com imagens de camelos e palmeiras. Estava mobilada com enormes cadeiras de couro, nas quais uma audiência atenta poderia sentar-se e escutar. De noite, os visitantes eram recebidos pelas chamas de uma grande fogueira.

Além da sua tenda, que era um local de trabalho, Kadhafi transformou Paris no seu parque pessoal. Inicialmente convidado para ir a França por apenas três dias, decidiu que ficaria cinco. Havia chegado a Paris com a sua infame guarda de segurança totalmente feminina e uma comitiva tão grande que precisava de cem veículos para circular pela cidade. Foi recebido pelo presidente Nicolas Sarkozy com todas as honras militares. Quando Kadhafi decidiu que gostaria de visitar o Palácio de Versalhes, por se sentir fascinado por Luís XIV, levou consigo uma «delegação» de cem pessoas. Foi transportado da sua tenda numa limusine branca extralonga, que causou engarrafamentos em todos os lugares por onde passou. Quando quis passear de barco pelo Sena, as pontes ao longo do rio tiveram de ser fechadas ao público.³ Kadhafi participou até numa caça ao faisão, uma excursão altamente incomum para um chefe de Estado visitante no século XXI.⁴ Contudo, para Kadhafi, isto era a normalidade. A sua abordagem despótica em relação ao resto do mundo havia sido exemplificada na sua resposta a um incidente em 2008, quando o seu filho foi preso em Genebra por agredir duas empregadas domésticas num hotel de luxo. No ano seguinte, o ditador pediu à Itália, à Alemanha e a França para «abolir» a Suíça.⁵ Quando isso não aconteceu, Kadhafi instou os muçulmanos de todo o mundo a travar uma guerra santa contra esse país. E na Assembleia Geral das Nações Unidas, onde os líderes geralmente têm quinze minutos para falar, Kadhafi falou durante noventa e três. Durante o discurso, chamou ao Conselho de Segurança o «conselho do terror», promoveu o seu próprio *website*, queixou-se de se sentir atordoado com os fusos horários e discutiu o assassinato de John F. Kennedy.⁶

Excentricidades à parte, Kadhafi, que controlava a Líbia desde finais da década de 1960, era um ditador sanguinário.

Se ele quisesse que esta vida continuasse, precisava de permanecer no poder. E para permanecer no poder, ele recorria à imposição do medo sobre todos aqueles que governava. Nas ruas de Trípoli, as

peças comuns, se alguma vez falassem contra o regime, enfrentavam o perigo imediato de prisão ou mesmo de morte. Num único dia do verão de 1996, as suas forças de segurança massacraram mais de mil e duzentas pessoas numa das prisões de tortura do regime.⁷ Até os pensamentos antirregime eram considerados perigosos. Como disse um líbio: «Não só não ousávamos expressar nenhuma crítica, como não ousávamos sequer *pensar* nada de crítico nas nossas cabeças.»⁸

Contudo, mesmo no auge do seu poder, com muitos dos seus inimigos a apodrecer debaixo da terra ou em prisões, Kadhafi via ameaças em todo o lado. As paredes ao redor do seu principal complexo tinham quatro metros de altura e um metro de espessura. Debaixo do complexo, Kadhafi mandara os seus homens construir uma rede de túneis tão vasta que um carrinho de golfe era usado para se movimentarem dentro dela.⁹ Os túneis serviam como um meio de fuga e também continham uma estação de televisão subterrânea para permitir ao ditador dirigir-se ao seu povo quando estivesse sob cerco.¹⁰ Outro complexo de Kadhafi, em Trípoli, continha uma sala de operações por detrás de pesadas portas blindadas, para que a vida do ditador pudesse ser salva, mesmo durante uma revolução sangrenta. O labirinto subterrâneo era tão extenso que um jornalista se referiu a ele como um «emaranhado».¹¹

Um homem que pensa que o seu futuro será brilhante não precisa de múltiplos complexos com quilómetros de túneis subterrâneos. Contudo, Kadhafi sabia que o seu futuro não estava seguro. Para os ditadores, há uma necessidade muito real de construírem tais defesas. As ameaças são enormes e constantes.

A 15 de fevereiro de 2011, eclodiram protestos em Bengasi, a segunda cidade mais populosa da Líbia, depois de o regime ter prendido um advogado que representava vítimas do massacre numa prisão em 1996. Na Líbia de Kadhafi, onde a oposição não era tolerada, isto era um raro sinal de dissidência.¹² Com as defesas do regime fragilizadas, a situação rapidamente escalou à medida que a oposição se intensificava e alastrava para outras cidades. Em resposta, Kadhafi fez um discurso na televisão nacional no qual prometeu «limpar a Líbia, casa a casa».¹³ «Não abandonarei o país», disse Kadhafi, antes de acrescentar que «morreria como um mártir».¹⁴

Contudo, nesta fase, Kadhafi ainda estava confiante de que não teria de morrer. E, embora os rebeldes passassem a controlar cidades inteiras, o regime mantinha a capacidade de ir para a ofensiva. A 16 de março, as forças de Kadhafi aproximavam-se de Bengasi, controlada pelos rebeldes, quando um dos seus filhos deu uma entrevista em que se gabava de que «tudo terá terminado dentro de 48 horas».¹⁵

Uma vez que Kadhafi se referiu aos seus inimigos como ratazanas, havia agora a real possibilidade de que uma campanha de assassinatos em massa se desenrolasse perante os olhos do mundo.¹⁶ Confrontado com esta perspetiva, o Conselho de Segurança das Nações Unidas votou por 10 a 0 a favor da tomada de «todas as medidas necessárias» para proteger os civis.¹⁷ O fim demoraria a chegar, mas este foi o seu início. Dois dias depois, jatos de combate franceses levantaram voo para atacar o regime, ao mesmo tempo que navios de guerra da Marinha dos Estados Unidos lançaram mísseis de cruzeiro para neutralizar os sistemas de defesa aérea líbios. Falando a partir do Brasil, o presidente Barack Obama disse: «Não podemos permanecer indiferentes quando um tirano diz ao seu povo que não haverá piedade.»¹⁸

Em outubro, com o regime severamente enfraquecido e bombas ainda a cair do céu, Kadhafi sabia que o momento que por tanto tempo temera havia chegado. Não havia mais complexos, mais túneis, mais paredes que pudessem proteger o ditador. Em vez disso, Kadhafi e os seus homens deslocavam-se de casa em casa em Sirte, a cidade costeira perto da qual o ditador havia nascido. Os mantimentos eram limitados e os seus guarda-costas foram forçados a vasculhar a área para encontrar massa e arroz para alimentar o grupo. Kadhafi estava claramente confuso. «Porque não há água? Porque não há eletricidade?», perguntava ele ao chefe da sua guarda. Tentar fugir era arriscado, mas com os rebeldes tão próximos e o bombardeio constante, permanecer em Sirte não era uma opção. Por fim, um Kadhafi relutante concordou em fugir. Originalmente programada para partir às 3 da manhã, sob o manto da escuridão, a sua caravana de cerca de quarenta carros só partiu cinco horas depois. Nessa altura, o Sol já se levantara. Meia hora após a caravana ter partido, foi atingida por mísseis. Uma das explosões foi tão próxima que o *airbag* do *Toyota Land Cruiser* em

que Kadhafi viajava foi acionado.¹⁹ O líder e alguns dos seus homens decidiram fugir a pé. Depois de terem atravessado uma quinta, não tiveram outra opção senão esconderem-se num esgoto fedorento.²⁰

Quando os rebeldes o apanharam, ele não conseguia processar o que estava a acontecer. Ele era o coronel Muammar Kadhafi, o Padrinho da Líbia, Rei dos Reis de África. E, como ele mesmo se descrevera uma vez, o Líder que vivia nos corações de todos os líbios. «O que é isto? O que é isto, meus filhos? O que estão a fazer?», perguntava Kadhafi.²¹ Os seus «filhos» começaram a brutalizá-lo. Agredido pela multidão e sodomizado com uma baioneta, as últimas filmagens de Kadhafi mostram-no no topo de um carro, com a cabeça ensanguentada, pedindo misericórdia.²²

Com o ditador finalmente sob o seu controlo, os rebeldes celebraram. Numa das imagens definidoras do conflito, um jovem rebelde foi visto a ser carregado aos ombros dos seus camaradas, segurando uma pistola de ouro decorada com intrincadas gravuras. A pistola pertencia ao próprio Kadhafi, tendo-lhe sido pretensamente oferecida por um dos filhos.²³ É a isto que eu chamo o Paradoxo da Pistola Dourada: os tiranos podem ter todos os adornos do poder, até uma pistola feita de ouro, mas no momento em que precisam de usar o seu poder para se salvarem, já é demasiado tarde. Um ditador nunca se pode salvar com uma pistola de ouro. Para Kadhafi, segurar a pistola só conferia poder enquanto as pessoas acreditassem que ela o tinha. Assim que deixaram de acreditar, a pistola tornou-se inútil.

No fim daquele dia, 20 de outubro de 2011, a pistola havia desaparecido e o ditador estava morto. Como indignidade final, Kadhafi não teve direito ao enterro rápido que é comum no Islão. Em vez disso, o seu cadáver foi exibido em tronco num frigorífico de um centro comercial local, para que todos o pudessem ver.²⁴ Quando um jornalista falou com um morador local sobre isso, ele respondeu que Kadhafi havia escolhido o seu próprio destino. «Se ele tivesse sido um homem bom, nós tê-lo-íamos enterrado», disse ele.²⁵

E, de facto, se Kadhafi tivesse sido um homem bom, ou mesmo apenas um líder democrático ao invés de um ditador, a probabilidade é que ele teria tido um fim muito diferente.

A tirania é perigosa.

De acordo com um estudo recente que examinou a forma como 2790 governantes nacionais perderam o poder, 1925 (69 por cento) encontravam-se bem depois de abandonar o cargo. «Apenas» cerca de 23 por cento estavam exilados, presos ou mortos.²⁶ Contudo, isto leva em conta todos os países e sistemas políticos. Se nos focarmos nos ditadores personalistas — os líderes com mais poder concentrado nas suas mãos —, os números invertem-se: 69 por cento desses tiranos estão na cadeia, forçados a viver no estrangeiro ou mortos.²⁷ As probabilidades de uma reforma tranquila são piores do que as do lançamento de uma moeda ao ar.

Estudei, por mais de uma década, os ditadores e a forma como eles permanecem no poder ou o perdem. Enquanto pós-graduado em Oxford, examinei as vidas dos membros do Politburo do Partido Comunista da União Soviética. Quem eram estas pessoas? Como ascenderam até ao topo de um sistema que podia ser tão hostil? E o que as preocupava?

Depois de ter deixado Oxford, pensei que não precisaria mais de me preocupar com a tirania (e de me sentar em bibliotecas poeirentas). Ansioso por ver o mundo, decidi trabalhar numa cervejaria na República Democrática do Congo. Contudo, as lições mais memoráveis que ali aprendi não foram acerca de lúpulo ou cevada, mas sobre como funcionam os regimes autoritários — e como muitos tiranos vivem constantemente no fio da navalha.

Quando estava em Lubumbashi, no dia 30 de dezembro de 2013, atacantes invadiram os estúdios da emissora nacional em Kinshasa. Os homens armados tomaram controlo das transmissões e divulgaram uma mensagem contra o presidente, Joseph Kabila. Disseram-lhe que ele estava acabado, que o seu tempo havia chegado ao fim. Enquanto falavam, os seus cúmplices atacavam o principal aeroporto do país. Uma base militar foi atingida²⁸.

Do outro lado do país, em Lubumbashi, era difícil obter informação confiável: «Ouviram o que está a acontecer em Kinshasa?», perguntavam pessoas curiosas na cervejaria. Durante o almoço, tentei descobrir exatamente o que se passava. Ninguém sabia. Estando a violência aparentemente distante, comecei a encaminhar-me de volta para o escritório que, tal como o meu bangaló, ficava no mesmo

complexo. Numa segunda-feira normal, esta caminhada teria sido das melhores partes do dia. Lubumbashi em si não é exatamente uma cidade verde, mas a vegetação dentro do complexo era exuberante. Quando caminhava, maravilhava-me com o tamanho das palmeiras ou observava os pássaros de aparência estranha a voar acima de mim. Parecia um oásis.

Naquele dia foi diferente. No meu caminho de volta ao trabalho, a calma do ar foi quebrada por um estampido. Era um tiro. Depois, outro e outro, um ratatá de disparos vindos de três direções. Então ouvi algo maior, uma explosão. Um milhão de pensamentos corria pela minha mente. Atrás das paredes do complexo, era pouco provável que uma bala perdida se tornasse num problema. Porém, e se aquela explosão fosse um morteiro? Outra igual poderia causar danos sérios, mesmo que eu não fosse o alvo pretendido. Eu estava a mais de 1500 quilómetros da Embaixada Alemã. Os aeroportos estavam fechados, por isso voar não era uma opção se a situação piorasse. Se tivéssemos de ser evacuados, teria de ser para o Sul, por terra, atravessando a fronteira para a Zâmbia. Agora um pouco em pânico, voltei-me para falar com os meus colegas. «O que vamos fazer?». A resposta foi: «Nada.» Sim, eles tinham ouvido os tiros, mas já os tinham ouvido antes e nunca nada de muito grave os afetara; então, porque haveria isso de acontecer agora?

E foi assim. Enquanto europeu visitante atrás de uma parede de betão, havia uma camada de isolamento entre mim e o perigo. Nas ruas da cidade, outros não tiveram tanta sorte.

Voltei-me de novo e regresssei ao trabalho.

A tentativa de golpe em Kinshasa fora lançada por um líder religioso — Paul-Joseph Mukungubila — e o exército estava a atacar a sua igreja em Lubumbashi.²⁹ Quando se tornou evidente para o auto-declarado profeta que ele não seria bem-sucedido, fugiu do país com cinco das suas dezoito esposas e doze dos dezanove filhos.³⁰ Joseph Kabila, que havia governado o país desde que o seu pai fora assassinado, permaneceu no poder.

Lembro-me de pensar que as reações calmas eram estranhas. Não deveria ser feito algo? Porém, por outro lado, quando se trata de uma luta como a de Mukungubila com Kabila, o que se pode fazer? Nada.

Tudo o que se pode fazer é esperar para ver se o tirano cai, abrindo caminho para que outro tirano tome o seu lugar.

Alguns meses depois regresssei à Europa, mas nunca consegui tirar aquele dia da cabeça. Como é possível que alguns países experienciem severa instabilidade com tal regularidade que o seu povo se tenha acostumado a ela? Porque é que Kabila conseguiu manter o poder por mais cinco anos? Quando é que líderes como ele perdem o poder? E, quando o perdem, o que acontece de seguida?

Decidi investigar como caem os tiranos. Durante o meu doutoramento, foquei-me em mudanças de liderança irregulares, como a que Mukungubila tentou na República Democrática do Congo. Desde então trabalhei sobre estes temas, não só na universidade mas também com empresas multinacionais, fundações e organizações internacionais como a NATO e a OCDE, sempre interessado na questão de como caem os tiranos.

Em outubro de 1938, quando a Alemanha nazi já havia anexado a Áustria e tomado os Sudetas, Winston Churchill fez um discurso ao povo dos Estados Unidos. Era um apelo às armas:

Vemos estes ditadores nos seus pedestais, rodeados pelas baionetas dos seus soldados e pelos bastões da sua polícia. Em todos os lados são guardados por multidões de homens armados, canhões, aviões, fortificações e afins — eles ostentam-se e vangloriam-se perante o mundo, mas nos seus corações há um medo implícito.³¹

Quando a maioria das pessoas pensa em tiranos, evoca imagens de um homem (e é quase sempre um homem) que exerce o poder absoluto. Isso é um mito. Nenhum líder político alguma vez teve o poder absoluto. Mesmo os ditadores mais poderosos precisam de outras pessoas para se manterem no poder. Para permanecerem no seu pedestal, precisam de gerir aqueles que se encontram mais próximos de si. Se não o fizerem, correm um risco imediato.

O problema central que os tiranos enfrentam é que eliminar as muitas ameaças imediatas à sua posição pode ser custoso e cria um ciclo interminável de novos problemas. No final, o tirano pode cair do

seu pedestal. E, quando isso acontece, não é apenas o tirano que está em risco, porque países inteiros podem desmoronar-se sob o peso de um ditador em queda.

Antes de prosseguirmos, deixo uma advertência: não há duas ditaduras iguais. A Coreia do Norte não é o Turquemenistão e Cuba não é a Rússia. Da mesma forma, os tiranos são diferentes uns dos outros. Hoje em dia, os líderes são geralmente descritos como tiranos quando atuam de uma forma que é cruel e opressiva. Isso leva a uma gama incrivelmente ampla de líderes. Uma vez que a maior parte deles são homens, no geral referirei o tirano por «ele». O tirano pode ser um rei, um ditador personalista ou o chefe de uma junta militar. Ou talvez o tirano seja o secretário-geral do partido num Estado de partido único ou no topo de uma teocracia — derivando a sua legitimidade da pretensa vontade de Deus. A nação que ele lidera pode ser rica ou pobre, montanhosa ou plana.

Esta diversidade também se aplica aos próprios tiranos. Alguns, como Saddam Hussein, tiveram infâncias terríveis, nas quais eram regularmente espancados e maltratados.³² Outros, como Mao, foram mimados quando eram jovens.³³ Adolf Hitler era de tal maneira colérico que mal conseguia evitar gritar quando ficava agitado. Pol Pot raramente mostrava qualquer emoção. Também há diferenças enormes na forma como estes tiranos alcançaram o poder. Alguns subiram ao pedestal por serem bons a organizar e a superar os seus concorrentes. Outros, como Idi Amin, eram simplesmente mais brutais do que os demais. Os tiranos mais «bem-sucedidos», como por exemplo Estaline, eram bons em ambos.

Como resultado desta diversidade, todas as declarações generalizadas terão uma exceção. Contudo, existem padrões e traços comuns. Ao olhar para a floresta, podemos entender melhor a maioria das árvores. Infelizmente, nem sempre podemos examiná-las de perto. Ao contrário das democracias, que são relativamente transparentes e abertas, as ditaduras são antros de segredos. As pessoas que falam quando não devem podem desaparecer. Os documentos do governo estão repletos de mentiras. Os jornalistas que relatam a verdade podem não durar muito.

Tentar entender a tirania não é fácil. Talvez o vice-primeiro-mi-

nistro seja um mero fantoche, ou talvez ele seja verdadeiramente a segunda figura política mais importante do país. Ou talvez as instituições do Estado não importem muito, porque são controladas por um partido político revolucionário. Ou talvez nem o Estado nem o partido importem mais porque o poder é tão personalizado. É bastante possível que o guarda-costas do tirano seja mais poderoso do que os membros do governo ou do que as elites do partido porque ele tem a atenção do ditador e a proximidade é mais importante do que o poder formal. É difícil dizer. As ditaduras funcionam com sussurros, acordos clandestinos e encobrimentos.

A outra dificuldade de se estudar a queda dos tiranos é que, por mais grave que seja a instabilidade política, por mais frequentes que sejam as rebeliões, não é todos os dias que um tirano verdadeiramente cai.³⁴ Numa democracia funcional, com eleições válidas, há muitas oportunidades para observar como os líderes perdem a governação. Os ditadores, por outro lado, podem permanecer no cargo por muitas décadas. Quando eles efetivamente se vão embora, podem cair num instante, abatidos por um único tiro, ou derrubados numa questão de horas durante um golpe. E pode ser difícil determinar exatamente a forma como eles caíram — em parte porque isso acontece tão raramente, mas também porque a queda dos tiranos muitas vezes envolve um ponto de viragem, no qual os líderes se tornam tão instáveis que os seus apoiantes os abandonam em massa — apenas para mais tarde fingirem que sempre se haviam oposto a eles.³⁵

Também não é possível entender os tiranos olhando apenas para a pessoa. Eles operam dentro de um sistema — e precisam desse sistema para permanecer no poder. Por essa razão, exploraremos a forma como os regimes autoritários funcionam. Uma forma de conceber um regime, diferentemente do líder, é concebê-lo como o conjunto das regras através das quais os novos líderes são escolhidos.³⁶ Assim, quando os generais que compõem uma ditadura militar substituem o general principal por um novo general, trata-se de um líder diferente, mas ainda do mesmo regime. Contudo, se manifestantes derrubarem toda a junta militar para criar uma democracia ou uma ditadura comunista no seu lugar, isso é um novo regime. Não foi apenas a pessoa, mas o próprio sistema, que mudou.

Quando comecei a trabalhar neste livro, falei com diplomatas, jornalistas, dissidentes, ativistas dos direitos humanos e (antigos) espiões. Uma vez que o tema do livro é tão amplo, também consultei especialistas em sanções económicas, armas nucleares, história militar, previsão quantitativa e muitos outros tópicos. Nem todos podem ser citados, mas todos foram fascinantes.

Também houve alguns encontros mais insólitos. Logo no começo, falei com um professor de história romana que foi suficientemente gentil para discutir comigo o reinado do imperador Calígula em grande detalhe. Em seguida, encontrei-me com um americano-gambiano que foi preso por conspirar para libertar a sua terra natal de um tirano que prometera governar por milhões de anos. Num dado momento, dei por mim numa chamada de WhatsApp com um político centro-africano acusado de crimes de guerra, a perguntar-me se, de facto, havia sido «um prazer conhecê-lo».

O livro também me permitiu descobrir mais sobre o meu próprio país. Para mim, nascido na Alemanha Ocidental logo após o fim da Guerra Fria, a República Democrática Alemão (RDA) sempre pareceu distante. A RDA não existiu nem há muito tempo nem num lugar remoto, mas podia muito bem ter sido num universo diferente, porque era quase impossível imaginá-la a existir tão próximo. A jornada de escrita deste livro alterou isso. Para falar com Siegbert Scheffe, que foi essencial para derrubar o regime para lá do muro, conduzi até Leipzig. Ouvi-lo falar sobre 9 de outubro de 1989 — o dia em que o «medo mudou de lado» — fez com que tudo o que me havia parecido tão abstrato se tornasse real e algo essencial para eu e todos nós entendermos.³⁷

Este é um livro sobre os dilemas enfrentados pelos ditadores e pelas pessoas ao seu redor. Todos eles ambicionam múltiplos objetivos e não podem alcançá-los todos, por isso há escolhas difíceis que precisam de ser feitas. No próximo capítulo, «A Passadeira Rolante do Ditador», vou explicar por que razão os tiranos geralmente tentam permanecer no poder depois de o alcançarem. Para começar, a tirania pode ser uma posição apelativa. Porém, mais importante, renunciar voluntariamente é incrivelmente perigoso. A maioria não está disposta a correr o risco, por isso tenta permanecer

no poder. Para ter alguma hipótese de permanecer no poder, têm de se focar nas elites políticas e nos soldados. No entanto, como demonstro nos capítulos «O Inimigo Interno» e «Enfraquecer os Combatentes», fazê-lo é difícil. Além disso, concentrar tempo e dinheiro a neutralizar as ameaças de homens armados e elites poderosas cria um grande número de problemas no futuro. Como os recursos são retirados às massas e dados a um grupo restrito no topo, a população pode insurgir-se contra o regime. Como os membros da elite são purgados da capital, eles podem regressar do interior como líderes rebeldes. E como o exército é paralisado, os soldados têm mais dificuldade em lidar com rebeldes ou invasores estrangeiros. Por último, alguns fatores estão simplesmente fora do controlo do tirano. Um ditador pode fazer tudo para maximizar as suas hipóteses de permanecer no poder, mas ainda assim ser assassinado. O risco pode até ser maior como resultado de fazer tudo «corretamente». No final, seja por morte natural ou remoção violenta, todos os tiranos acabam por cair. Porém, o que acontece depois? A queda dos tiranos frequentemente leva ao caos e ao conflito. No capítulo «Tem Cuidado com o Que Desejas», exploro sob que circunstâncias isso pode ser evitado. Agora que sabemos como caem os tiranos e o que acontece quando isso ocorre, outras questões tornam-se relevantes. Pode alguém de fora acelerar a queda? Se sim, como? E deviam fazê-lo?

Os tiranos não podem ser ignorados. Temos de lhes prestar atenção — e entendê-los melhor. Perder o poder pode facilmente significar não apenas a perda dos privilégios, mas a perda da liberdade, e mesmo da vida. E, em grande medida, este perigo explica por que razão os tiranos agem da forma como o fazem quando estão no poder. Todos nós já lemos histórias bizarras acerca de ditadores que parecem desequilibrados. O ditador turcomano Saparmurat Niyazov construiu uma estátua de ouro de si mesmo com doze metros de altura no topo de um monumento em Ashgabat, que girava para seguir o sol.³⁸ O líder norte-coreano, Kim Jong-un, mandou executar um oficial do Ministério da Educação com um canhão antiaéreo — alegadamente por ter adormecido durante uma reunião.³⁹ Parte do título autoconcedido de Idi Amin era «Senhor de todas as feras em terra e de todos os

peixes nos mares e conquistador do Império Britânico na África em geral e no Uganda em particular».⁴⁰

À primeira vista, estes governantes parecem insanos. E, evidentemente, estas não são pessoas normais. Muitas vezes são narcisistas; por vezes psicopatas; e, quase sempre, implacáveis. Porém, a surpreendente verdade é que a maior parte é também *racional*. Eles não perderam a cabeça. Em vez disso, dado o sistema em que operam e a informação que têm, as estratégias para torturar, matar e deixar as massas morrer de fome enquanto eles acumulam riquezas no palácio presidencial são racionais. É uma forma de sobreviver.

E tem sido dessa forma por milhares de anos. A democracia como nós agora a entendemos é jovem; a ditadura é antiga. A maior parte dos seres humanos, ao longo da história registada, sofreu sob o domínio de tiranos. Em 1800, ninguém na Terra vivia numa democracia genuína. Governos cruéis e opressivos não eram a exceção, mas a norma. Quer o tirano fosse um chefe, duque, rei, imperador, bispo ou governador colonial, era assim que as sociedades estavam organizadas. As pessoas eram súbditos e a tirania parecia inevitável. A mudança política determinava em grande parte quem era o tirano, não se haveria um.

Mesmo na história relativamente recente, os tiranos reinaram supremamente. No fim da Segunda Guerra Mundial, mais de 90 por cento dos países não eram democracias.⁴¹ Esta era também uma época em que vastas áreas do mundo não se governavam a si mesmas. Em vez disso, eram colónias governadas de longe. Depois disto, durante a Guerra Fria, ambos os lados apoiavam tiranos quando consideravam que isso era do seu interesse. Londres desempenhou um papel a derubar um líder eleito democraticamente no Irão, a favor do xá Pahlavi. Pequim manteve vivo o regime de Pol Pot enquanto este continuava a matar. Preocupados com o efeito dominó, os Estados Unidos travaram guerras em defesa de ditaduras vis na Coreia e no Vietname. O governo francês pagou a coroação de Jean-Bédél Bokassa, o ditador centro-africano que se coroou imperador, enquanto o seu povo morria à fome. Bokassa podia ser um déspota, mas era o déspota deles. Isto foi em 1977.

Contudo, a Guerra Fria foi também uma época de libertação

nacional — com muitos povos que haviam outrora sido colonizados a tomar o controlo de volta. Originalmente, as Nações Unidas tinham apenas cinquenta e um membros. Em meados da década de 1970, tinham chegado aos cento e quarenta e quatro. Agora são cento e noventa e três.⁴² Infelizmente, isso nem sempre levou à liberdade ou à democracia. De facto, estudos mostram que o número de ditaduras aumentou entre 1946 e a década de 1970.⁴³ Para muitos, a independência significou trocar um poder estrangeiro por um tirano local. E esses poderes estrangeiros eram capazes de apoiar um déspota local de maneira a manter a sua influência. Um tirano amigável, pensavam eles frequentemente, era-lhes mais útil do que um adversário eleito.

Depois do fim da Guerra Fria, a democracia floresceu. Em 2012, menos de 12 por cento dos países permaneciam autocracias fechadas — o tipo de sistema em que os cidadãos não têm escolha alguma.⁴⁴ Durante algum tempo, pareceu até que o modelo das democracias liberais havia triunfado para se tornar no novo normal. As sociedades ocidentais esperavam por aquilo a que Francis Fukuyama chamou o «Fim da História», o triunfo definitivo da democracia.⁴⁵

Contudo, é claro que a tirania nunca desapareceu verdadeiramente — era simplesmente mais fácil de ignorar. No século XXI, isso tornou-se impossível. O mundo não podia ignorar Kim Jong-un, que tinha acesso a um arsenal nuclear capaz de aniquilar cidades inteiras num só ataque, quando ele disparou mísseis sobre o Japão. Vladimir Putin desestabilizou um continente inteiro, cometendo crimes de guerra pelo caminho. Os tiranos sauditas enviaram um esquadrão de morte para desmembrar um jornalista que trabalhava para o *The Washington Post*. O regime de Ruanda tem repetidamente perseguido opositores para os assassinar.⁴⁶ Depois de assegurar a sua posição vitalícia no topo do Partido Comunista Chinês, Xi Jinping disse aos seus generais que eles deveriam «ousar lutar».⁴⁷

Estas, claro, são apenas as autocracias que já existem. Na Europa, por exemplo, múltiplas democracias estão em risco iminente. Em 2014, Viktor Orbán declarou que transformaria a Hungria numa «democracia iliberal» — na realidade, uma forma de autoritarismo. Na Turquia, Recep Tayyip Erdoğan e os seus aliados restringiram o

espaço político a tal ponto que se tornou cada vez mais difícil para a oposição vencer eleições.

E embora os líderes totalitários se tenham tornado mais raros, os ditadores que ainda restam continuam a perseguir o seu povo e os seus opositores. Seja através de guerras de conquista ou da tentativa de destruição de culturas inteiras, a ameaça da tirania permanece aguda. Se não entendermos como os tiranos operam, não conseguiremos constrangê-los no seu país ou limitar a sua ameaça no exterior.

Ao longo da última década houve inúmeros artigos de jornal, *tweets* e livros sobre a defesa das democracias liberais. Nenhum deles será suficiente. Quer aconteça de repente, através de um golpe de Estado, ou gradualmente, pelo desmantelamento de instituições centrais, algumas democracias morrerão. Quando isso acontece, todos devemos saber o que vem a seguir e como pode ser revertido.

Esse é o objetivo principal deste livro: fornecer um guia sobre as limitações dos déspotas, as fraquezas dos seus regimes e as maneiras como eles colapsam. Porém, compreendê-los não é suficiente. Este livro também explorará a forma como os derrubar.

Isso pode parecer idealista. No fim de contas, a tirania mostra-se muitas vezes extraordinariamente estável. Alguns dos ditadores mais famosos do mundo corroboram esta visão: Muammar Kadhafi, por exemplo, governou a Líbia por mais de quatro décadas, mais do dobro do que Angela Merkel foi chanceler da Alemanha. Além disso, os dados mostram que os regimes autocráticos podem ser ainda mais duradouros do que os líderes individuais.⁴⁸ Para dar apenas um exemplo, a Coreia do Norte foi governada por três homens ao longo de mais de meio século: pai, filho e neto.

Olhe-se, porém, com mais atenção e depressa se concluirá que a estabilidade autoritária tende a ser uma miragem. A maior parte das não democracias não é como a Líbia de Kadhafi. Ao invés, são muitas vezes mais parecidas com a República Democrática do Congo de Kabila, com falta de controlo do governo central e um conflito constante, por vezes guerra civil. E mesmo o tipo de tirania de Kadhafi apenas parece estável — mas não é. Ao contrário das democracias, estes são sistemas políticos projetados para girar em torno de um único indivíduo ou de um pequeno grupo de elites. Isto pode funcionar para

eles, por um tempo, mas tais sistemas não são resilientes. Quando surge um choque e o sistema é desafiado, as consequências podem ser devastadoras, levando ao conflito, à fome ou à guerra. No caso da Líbia, a guerra contra Kadhafi foi seguida por uma guerra entre as milícias que queriam substituí-lo. Mais de uma década depois de a sua pistola dourada ter fracassado em salvá-lo, os tiroteios ainda não haviam cessado.

A tentativa de golpe amadora que aconteceu quando eu estava na República Democrática do Congo não foi uma anomalia. A maior parte das tentativas para derrubar um tirano fracassa porque os ditadores estão preparados. Porém, inevitavelmente, eles acabam por cair. A questão, então, é como.